

GOYANIA = GOIÂNIA, de poema a topônimo

Antón Corbacho Quintela*

Luciana Andrade Cavalcante de Castro**

Em 1985, Bernardo Élis incluiu no seu livro *Goiás em sol maior* [comentário cultural, literário e sentimental] um artigo intitulado “Cidades goianas: cada nome que, faça-me o favor”. Nele comenta que

em confronto com o restante do Brasil (exceto São Paulo), a nominata dos topônimos goianos dos últimos tempos não denuncia muita imaginação criadora. Predominam nas cidades nomes de pessoas acrescidas do sufixo ou terminação “pólis”, “lândia”, ou “ânia”, “ônia”, “ésia”, quando não são denominações forjadas pela combinação de sílabas tiradas de outros nomes, nem sempre feliz.

Em suas ponderações sobre a toponímia do Estado de Goiás, o imortal acadêmico liberta a sua perspectiva crítica mais cáustica e qualifica de “indigente demonstração de nacionalismo” um modismo iniciado no Estado Novo, sob a escusa de evitar nomes repetidos nos Estados da República, pelo qual se produziu a substituição, por inexpressivos e mal compostos vocábulos tupi-guaranis, dos nomes portugueses com que foram inicialmente batizadas algumas localidades. Contudo, nos juízos de valor de Bernardo Élis, também há espaço para menções encomiásticas aos topônimos que ele define como “bonitos” e “gostosos” por terem a capacidade de despertar em nós “as melhores emoções”. Dentre eles salienta Aruanã, Dueré (Tocantins), Anicuns, Inhumas, Crixás, Pilar de Goiás, Corumbá, Jaraguá, a Cidade de Goiás e, como não, Goiânia.

Bernardo Élis não o menciona, mas Goiânia é, provavelmente, a única cidade da lusofonia cujo topônimo reproduz, casual ou propositalmente, o título de um livro. Todavia, antes de ser “Goiânia”, esta cidade era referida nos documentos públicos como “futura Capital”, “nova Capital” ou, simplesmente, “nova Cidade”. À cidade à que pelo Decreto nº 1.816, de 23 de março de 1937, foi transferida a capital do Estado, deu-se a denominação de Goiânia por força do disposto no artigo 1º do Decreto legislativo nº 327, de 2 de agosto de 1935. Isso significa que a cidade cuja construção determinara o

* Mestre em Letras, membro do grupo GALABRA e professor da Faculdade de Letras da UFG. E-mail: corbachoq@rocketmail.com

** Estudante de graduação em Letras na Faculdade de Letras da UFG. E-mail: luluacc88@yahoo.com.br

Decreto nº 3.359, de 18 de maio de 1933, permaneceu, durante dois anos, no âmbito legal, inominada.

A Goiânia oficial da década de 1930 não recebeu unicamente os reflexos projetados para a hinterlândia pelo urbanismo francês de Atílio Correia Lima, a cidade-jardim adaptada por Armando de Godói e, em algumas residências e nos edifícios públicos, a arquitetura em estilo *art déco*. A Goiânia da revolução de 1930 também não é, só, a materialização da vontade de erigir uma capital que, à margem das oligarquias da República Velha da Cidade de Goiás, simbolizasse um plano de integração nacional, concebido mediante a *Marcha para o Oeste*. Essa Goiânia é também a adaptação ortográfica, e supostamente fonética, do nome de um livro.

Esse livro é um poema épico em 20 cantos, de 50 inovadoras oitavas cada um, intitulado *Goyania*, publicado em 1896 na cidade do Porto, em Portugal, pela Tipografia a Vapor de Arthur J. de Sousa. Além disso, é o primeiro livro literário cuja temática gira em torno de Goiás e o mais logrado projeto de elaboração de uma mitologia alicerçada no conflito imisericordioso desencadeado pelos bandeirantes ao tentarem arrebatar aos índios destes sertões o controle da região. O seu autor foi um baiano, Manuel Lopes de Carvalho Ramos, que era juiz de Direito na cidade de Torres do Rio Bonito (Caiapônia). Em 1896, aos 32 anos, Manuel Lopes decidira, mediante *Goyania*, “cantar a natureza, sentir o belo, amar a virtude, animar o progresso, contradizer a incredulidade, combater o materialismo e estigmatizar a superstição”, retratando, para o povo de Goiás, a gesta civilizadora do Anhangüera. Segundo ele declara no Prólogo da obra, a “solidão” vivida em Torres do Rio Bonito, o silêncio dos “sertões do sul” de Goiás e as “poéticas várzeas goianas” inspiraram-lhe o canto heróico à formação do povo goiano e a transformação, em elementos mitológicos, de alguns referentes geográficos da região. Em *Goyania*, poema doado pelo autor ao Estado, Bartolomeu Bueno supera os contornos da história e da historiografia para obter a transformação em eminente herói literário. Junto a ele, adquirem perfis épicos Lelia – a filha ingênua e sentimental do Anhangüera –, o Anhangãia – o morgado do chefe caiapó – e a tupinambá Guayra – a mulher de espírito telúrico, trágica, encarnação do fado que arrasta ao sacrifício.

Muitos goianos leram *Tropas e boiadas* (1917), o livro de contos de Hugo de Carvalho Ramos – filho de Manuel Lopes de C. R. – e alguns conhecem *Caramuru* (1781), o poema épico sobre o descobrimento da Bahia escrito por José de Santa Rita Durão, mas, com certeza, são proporcionalmente muito poucos os que tiveram acesso ao produto literário cujo título acabou sendo reproduzido no nome da “nova Capital”. Esse

fato explica-se, sobretudo, pela dificuldade para aceder ao texto. Da primeira tiragem, presumivelmente pequena, que recebera *Goyania*, por enquanto só temos notícia de três exemplares. Um deles faz parte do catálogo de obras raras da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, um outro é custodiado no Instituto Cultural José Mendonça Teles e suspeitamos que possa haver um terceiro enterrado em algum ponto central da Praça Cívica, fazendo parte dos objetos que foram introduzidos em 24 de outubro de 1933 na pedra fundamental da construção da “futura Capital”. Em 1983, durante o mandato de Ary Valadão como governador do Estado de Goiás, a obra recebeu uma segunda edição; nela foi inserida uma apresentação da autoria do próprio governador. Dessa nova edição encarregou-se o Instituto Goiano do Livro, através da Fundação Cultural de Goiás. Ela não é mais que uma reimpressão, quase fac-similar, da edição portuguesa e foi feita a partir do exemplar de José Mendonça Teles. Dessa edição, a UFG possui dois exemplares, um no acervo da Biblioteca Central e outro integrado à Sala de Leitura da Faculdade de Letras.

Acreditamos que é preciso fazer uma nova edição de *Goyania*. No entanto, desta vez haveria de ser uma edição crítica. Dificilmente poderá ser uma edição genética pois desconhecemos se foram conservados os originais da obra, mas sim deveria ser uma edição que contribuísse à inserção desse poema épico no sistema literário brasileiro e analisasse a função desempenhada pela obra dentro do repertório cultural forjado em Goiás ao longo do séc. XIX. Nesse sentido, aguardamos até que a dissertação de mestrado que o professor Luciano Melo de Paula (USC, Espanha) desenvolve no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFG assente os alicerces dessa necessária edição. O professor Luciano é, na atualidade, o principal pesquisador do poema *Goyania*. Por enquanto, limitamo-nos a reproduzir nesta *Revista UFG* as sete primeiras oitavas do Canto Primeiro e as seis derradeiras do Canto Vigésimo.

Mas para poder entender a origem do topônimo “Goiânia” também cumpre recorrer a um concurso que promoveu, em 5 de outubro de 1933, *O Social*, no seu número 4. *O Social* era um periódico da Cidade de Goiás dirigido por José Honorato da Silva e Souza e Vasco dos Reis Gonçalves; o concurso tinha como epígrafe “Como se deve chamar a Nova Capital?” Em diversos estudos encontramos referências a esse concurso, às vezes, no entanto, com exposições não coincidentes. Dentre eles destacamos *Como Nasceu Goiânia*, de Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro; *Goiânia Global*, de Oscar Sabino Júnior; *Goiânia: uma concepção urbana, moderna e*

contemporânea – um certo olhar, de Celina Fernandes Almeida Manso e *Semeadores de Futuros*, de José Mendonça Telles. Abaixo reproduzimos a convocação do concurso:

GRANDE CONCURSO D' "O SOCIAL"

COMO SE DEVE CHAMAR A NOVA CAPITAL?

As respostas deverão ser escritas em papel comum, à maquina ou em caligrafia legível e remetidas a esta Redação, devidamente assinadas, declarando-se o lugar de residência dos concorrentes. Todas as pessoas podem tomar parte neste concurso, independentemente da idade, sexo ou nacionalidade. Serão consideradas válidas as respostas recebidas até 60 dias depois da publicação deste. O Vencedor do concurso terá direito a uma assinatura d' "O Social" por dois anos.

No número 5, de 12 de outubro de 1933, *O Social* publicou a primeira sugestão para o nome da "nova Capital". Era da autoria de Léo Lynce, pseudônimo de Cyllinêo Marques de Araújo, juiz de Direito de Pires do Rio, intelectual goiano de destaque. Eis a justificativa da que se converteria na sugestão melhor sucedida entre os leitores do periódico:

O NOME DA CAPITAL

Voto em PETRÔNIA. Não se veja nessa lembrança a idéia de mera barretada ao dr. Pedro Ludovico. Desmerecida não seria a homenagem, tanto mais que tem sido costume universal dar-se às cidades os nomes de seus fundadores. Outras razões históricas poderiam ainda ser invocadas para justificar a preferência do nome em questão. Pedro foi o nosso 1º imperador, o fator decisivo da nossa independência. Pedro se chamou o maior brasileiro de todos os tempos – Pedro II. Pedro é ainda o nome do 1º chefe do cristianismo, religião da quase totalidade dos goianos, com a circunstância de ser um dos nossos santos mais populares. Seria, desse modo o príncipe dos apóstolos o padroeiro da cidade que vai nascer. Mas, suponhamos que seja ateu ou inimigo pessoal de todos os Pedros. Ainda assim não lhe soaria mal o nome: PETRÔNIA. Lembrar-lhe-ia, em vez dos Pedros cristãos, o arbítrio das elegâncias da velha Roma, esplendorosa e pagã... PETRÔNIA – nome lindo, suave, fácil!

Pires do Rio, outubro de 1933. *Léo Lynce*.

Em seguida, nesse mesmo número de *O Social*, foi publicada a sugestão de Caramuru Silva do Brasil, pseudônimo de Alfredo de Faria Castro, professor do Colégio Lyceu da Cidade de Goiás, nascido em Araguari (MG), que soube manter em segredo a identidade desse Caramuru até 1942:

GOIÂNIA

Qual o nome que pela sua significação, sua sonoridade, fácil grafia e sentido histórico, melhor se adaptaria à cidade nova que será a Capital do Estado? Haverá, é certo, copiosa lista de denominações para a nova *urbs*. Nenhuma porém, conservará o sabor histórico, a cor local, o significado regional desta palavra, curta, sonora, que reflete com serenidade a idéia de nossa origem. A solução de continuidade histórica que adviria da imposição de um apelido, talvez interessante e valioso, sob vários aspectos, à mais importante cidade do Estado, não deixaria de arranhar, sequer de leve, o estranhado amor que devotamos ao culto sagrado das nossas tradições. GOIÂNIA – Nova Goiás, prolongamento da histórica Vila Boa, monumento grandioso que simbolizará a glória da origem de todos os goianos.

Goiás, 10-10-33. *Caramuru Silva do Brasil*.

A edição do dia 16 de novembro de 1933, traz o resultado da apuração dos votos até a data. Na exposição, a seguir reproduzida, nota-se a clara preferência pelo nome *Petrônia*:

COMO SE DEVE CHAMAR A NOVA CAPITAL DE GOIAZ?

Grande concurso d' "O Social"

Prosseguindo na apuração dos resultados do concurso do "O Social", para escolha de um nome para a nova Capital do Estado, apresentamos, nesta edição, as denominações que, até agora, reuniram o maior numero de votos:

Petrônia	105 votos
Anhangüera	26 "
Crisópolis	13 "
Heliópolis	16 "
Tupirama	10 "

Em nossos números seguintes estaremos todos aqueles nomes que consigam atingir ou exceder um total de 10 votos.

Nas palavras de Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, em sua obra *Como nasceu Goiânia* “Encerrado o prazo do ‘Concurso’, decorreu ainda grande lapso de tempo sem que se soubesse qual o nome que iria receber a Nova Capital goiana”. O nome vencedor foi “Petrônia”. De fato, foi observado que, além do voto do próprio proponente, “Goiânia” só recebera mais um voto, indicado no nº 7 do *O Social*, aos 26 de outubro de 1933, voto da professora estadual Zanira Campos Rios. Ademais desses nomes, apresentaram-se outros, muito menos votados: “Americana”, em gratidão a Americano do Brasil e a Américo de Carvalho Ramos, “Aspirópolis” e “Petrolândia”. Em suas *Memórias* (1973), o dr. Pedro Ludovico Teixeira comenta que também foram apreciados os nomes de “Araguaína”, “Aurilândia”, “Campanha”, “Buenópolis”, “Eldorado”, “Esplanada”, “Goianápolis”, “Goianésia”, “Guaracima”, “Liberdade”, “Maraúba”, “Paranaguaia” e “Pátria Nova”.

Não cabe dúvida a respeito de que o interventor Pedro Ludovico não achava que o resultado do concurso pudesse ser vinculativo. Ele não aceitou nenhum dos topônimos mais cotados. No mencionado Decreto nº 327 de 2 de agosto de 1935, em que se criava o município e a correspondente comarca, ele fez que se certificasse o nome de “Goiânia”, sem explicar o motivo da escolha. Essa não poderia ser considerada uma decisão populista. *A priori*, parece que foi tudo o contrário, pois se ignorou a “lei do número” do sufrágio organizado por *O Social*. É óbvio que tampouco pôde haver pesado nenhum favoritismo para com o professor Alfredo de Castro, pelo fato de que esse professor soube ocultar durante quase uma década a sua identificação com o pseudônimo Caramuru Silva Brasil. Surge, então, a pergunta: o que fez com que, além de imputáveis prudência, modéstia e bom gosto, Pedro Ludovico rejeitasse “Petrônia” e escolhesse “Goiânia”?

Poder-se-ia conjecturar que a contundente e bela apologia que Caramuru Silva do Brasil publicara em *O Social* junto à sua proposta constituía, de por si, a mais sólida argumentação. Mas poder-se-ia também atentar a um paralelismo morfológico com “Brasília”, topônimo que já constava na “Memória sobre a necessidade de edificar no Brasil uma nova capital” que José Bonifácio encaminhara em 1823 à Assembléia Constituinte do Império e que, pelo art. 3º do Título I da Constituição dos Estados Unidos do Brasil (24.2.1891), passou a ser identificado com o planalto central da

República. Haveria, igualmente, que tomar em consideração possíveis evocações da, não há muito, aviltada Pedra Goyania, na Serra Dourada, e, sobretudo, as instigações emanadas do poema *Goyania*, a obra que criou o termo. É possível que todos esses fatores tenham contribuído. Pedro Ludovico, de todas as formas, fez questão de não facilitar uma explicação clara.

=====

GOYANIA
CANTO PRIMEIRO

Eu canto, patria minha, o heroe facundo
Que immortal sublimara aquella idade
Em que o Brasil, sonhando a liberdade,
Cingia as vestes do nascente mundo;
Em que da Historia, irmã da humanidade,
Tinha o gigante audaz o ser profundo,
E aquellos que, nos bosques brasileiros,
Foram os grandes cayapós guerreiros.

O' tempos idos! O' remotas eras!
Em que, á sombra das arvores copadas,
E das montanhas para os céos voltadas,
Eram outras as nossas primaveras!
Em que das selvas brutas e agitadas
Eram selvagens os irmãos das feras,
Em que a voz do cacique, ardente e bella,
Soía um brado ser da eterna tela.

Eras tu, patria forte, o grande povo
Embalado no bosque americano,
Não de escravos nascido ao eito insano,
Mas de algum ventre poderoso e novo;
Que então não tinhas outro soberano
Senão esse fortissimo renovo,

Mas que o perdeste á marcha triumphal
Dos bravos, que illustraram Portugal.

Eras tão livre como a voz dos ventos,
Que as tuas alvas praias despertavam,
Como a orchestra das aves, que esperavam
Da aurora os raios fortes e opulentos.
Ousado prometteu, que em ti buscavam
Nações da Europa, espiritos sedentos,
E estranhos, feros, cegos desertores,
E escravos negros de crueis senhores?

Em tudo a voz da terra esperançosa
Mil phantasticas sombras attrahia;
Em seus prados uberrimos nascia
Forte imburana ao pé de branca rosa;
Em seus valles risonhos, quando o dia
Na luz d'alva acordava a tribu irosa,
Eram lagrimas doces, purpurinas,
As lymphas das ribeiras crystallinas.

Mas em ti, só em ti, goyana terra,
Correia pertinaz ouvira o brado
Firme, soberbo de um paiz talhado
Para os fructos da paz, e não da guerra;
Porque em ti se firmava o luso errado,
Vingando as regiões de serra em serra;
Porque em ti, se não fosse a idade forte,
Teria a própria liberdade a morte.

Mas, por isso, bem vês, goyano povo,
A quem meus versos neste canto envio,
Que imagens vagas de paixão não crio,
Mas a gloria da patria em que eu me louvo.

Em teu regaço, em que melhor me fio,
Deponho a lyra e o canto audaz e novo:
Dá que a musa, animando a luz da historia,
Da patria cante a primitiva gloria.

[...]

CANTO VIGÉSIMO

[...]

Eis nesse instante, enquanto gloriosos
Os valles descem fortes os guerreiros,
Da fria noite os astros derradeiros
Iam doirando os ermos tenebrosos.
Scintillam sobre os cerros altaneiros
D'alva os clarões rosados e amorosos:
A doce brisa a pluma dos cocares
Agita aos buritys nos frescos ares.

Algumas aves cantam nas ramagens
Dos cambuhis da praia, em que serena
A laranjeira delicada e amena
Presta aos indios amantes as folhagens;
E, ouvindo aquella matutina pena
Do cardeal, que canta nas pastagens,
Anhangaia murmura: Anang morre...
Fria mão de Tupan seu rosto corre...

Morrer! Quando esta vida é toda amôres!
Quando, entre as rosas da manhã serena,
Suspira a jurity na selva amena,
Adeja o beija flôr beijando as flôres!
Morrer! Da ideia negra que envenena
Ao precipicio caminhar de horrôres!
No coração, que a treva desespera,

Ver extinguir-se a luz da primavera!

Morrer! Quando a folhagem que murmura
Presta suave sombra ao doce amado!
Quando brilhante o leito do noivado
E' como um cofre aberto á formosura!
Quando sómente o enfermo é desgraçado!
Quando escarmenta o colhe a sepultura!
Deixar tudo e partir... Cahir sosinho
Cadáver! Sombra! Em meio do caminho!

Taes pensamentos negros scintillaram
No cerebro da indígena piedosa,
Cuja paixão suprema em dor penosa
Idéias mil oppostas transformaram.
Turva-lhe a vista gfelidez pasmosa
De Anag... e os passarinhos se calaram...
Naquelle instante aspérrimo e sombrio
Nem brilha mais o céu, nem falha o rio...

Era supremo o acaso, a dôr terrivel,
E findo estava o quadro da agonia:
Sem forças quasi a indigena acolhia
Aquella vida á margem do impossivel:
E assim, olhando a face quase fria
Que estreita, com disvello intraduzivel,
Guayra ri, soluça, e a voz discerra:
– Morto! Morto! – Suspira e cahe por terra.

FIM DO POEMA

CARVALHO RAMOS, Manuel Lopes de. *Goyania*. Goiânia: Instituto Goiano do Livro, 1983